

O lúdico e a contação de histórias na educação infantil¹

The playfulness and the story telling in childhood education

Leonel de Alencar Moreno²

RESUMO

As pesquisas de Lev Vygotsky trouxeram relevantes conhecimentos para a utilização da ludicidade no processo de ensino, concluindo que por meio dos jogos há a fantasia e a imaginação, pelas quais a criança se apropria de seu próprio lugar social, bem como aquele das pessoas que a rodeiam. Este artigo apresenta os resultados vivenciados em estágio supervisionado, em que se teve como objetivo levar atividades lúdicas, brincadeiras e contação de histórias como estratégias de ensino e aprendizagem em sala de aula durante uma semana para crianças de cinco anos do Jardim II, na Educação Infantil do Centro Educacional Infantil Nossa Senhora das Graças, da cidade de Itajaí. Os resultados alcançados demonstraram que, além de sentir e ver estampada nos rostinhos das crianças a felicidade pela vivência de momentos inesquecíveis, o cotidiano no Centro Infantil passou a ter outro sentido: a reflexão sobre o uso de jogos infantis.

Palavras-chave: Ludicidade. Contação de histórias. Aprendizagem.

ABSTRACT

Lev Vygotsky's researches brought important knowledge to the use of playfulness in the teaching process, concluding that through games there is fantasy and imagination, through which the child finds his own social place, as well as those of people who surround him. This article introduces the results experienced in the Supervised Apprenticeship: Research of the Pedagogical Process, which had as a goal to involve playful activities, jokes and storytelling as a teaching-learning strategy in the classroom for a week: the learners were five-year-olds at Jardim II, at the Childhood Education Centre Nossa Senhora das Graças, situated in the city of Itajaí/SC. The achieved results showed that there was yet another purpose than only feeling and seeing happiness on the children's faces experienced by unforgettable moments: daily life at the Child Centre brought about the need for reflection of the use of child games in the classroom.

Key-words: Playfulness. Story telling. Learning.

¹ Trabalho de Estágio Supervisionado – Curso de Pedagogia – da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), Docência em Educação Infantil.

² moreno@viacabo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O tema “O lúdico e a Contação de Histórias na Educação Infantil” foi a proposta apresentada às crianças da Educação Infantil do Centro Educacional Infantil Nossa Senhora das Graças. O estudo foi desenvolvido com o objetivo de utilizar música, dança, brincadeiras e contação de histórias como estratégias para criar oportunidades de aprendizagem adequadas ao desenvolvimento infantil e à construção do conhecimento. A criança exercita a abstração saindo de seu mundo concreto e capacitando-se a desenvolver o pensamento. Conforme Craidy e Kaercher (2001) relatam,

Vygotski enfatiza a importância do brinquedo e da brincadeira do faz-de-conta para o desenvolvimento infantil. Por exemplo, quando a criança coloca várias cadeiras uma atrás da outra dizendo tratar-se de um trem, percebe-se que ela já é capaz de simbolizar, pois as cadeiras enfileiradas representam uma realidade ausente, ajudando a criança a separar objeto de significado. (CRAIDY; KAERCHER, 2001, p.30).

Em conjunto com a professora regente, que, orientada pela escola, costuma trabalhar com temáticas durante os planejamentos semanais, foi sugerido o tema “O corpo humano”, o qual adotamos de forma transdisciplinar em sala de aula para vinte e três crianças do Jardim II, com idade de cinco anos. Utilizamos o método da pesquisa-ação e o pouco tempo que tivemos não permitiu muito avanço, porém, nas três idas ao Centro Infantil para observações, percebemos que havia uma mecanicidade docente que levava em consideração mais a disciplina comportamental do que atividades intencionais. Assim sendo, utilizamos atividades lúdicas como metodologia em sala de aula, aplicando os eixos especificados nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. (BRASIL, 1998).

A instituição concedente que permitiu a realização do estágio tem convênio com a Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) e faz parte da rede municipal de ensino. O tempo destinado à intervenção foi de vinte horas, distribuídas em cinco períodos de quatro horas. Os dados coletados foram realizados por meio de protocolos de observação, fotografias, e registros em diário de campo.

2. O LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

O pesquisador precisa perceber a busca do saber como algo prazeroso, que lhe proporcione um olhar diferente do que tinha antes. A pesquisa tem papel ativo no ensino, e é por meio dela que se dará o processo de investigação. Para tanto, o professor pesquisador deve estar sempre em busca de novos horizontes, de novos conhecimentos, de análises reflexivas, enfim, de um novo saber. Por meio da pesquisa os futuros professores podem compreender e melhorar seu cotidiano escolar. De acordo com Oliveira (2003, p.41), “a prática atualiza e interroga a teoria, ou seja, a prática sinaliza questões e a teoria ajuda a apreender essas sinalizações, a interpretá-las e a propor alternativas”.

Com base nessa premissa, iniciamos um processo de pesquisa-ação no CEI, começando por uma ação sobre a reflexão, ou seja, pensamos no que fazer para melhorar a prática docente, a qual consistia em um problema para o processo de ensino e aprendizagem, o que ficou evidenciado durante o período de observações em sala. Percebemos que as crianças, em geral, não participavam das aulas, parecendo ocorrer um aprendizado mecânico.

Consultando diferentes autores, tais como Abramovich (1995) e Oliveira (2002), entendemos que, para as crianças, nessa fase de suas vidas, o que mais predominam são as atividades com jogos e brincadeiras. Assim, mesmo com o pouco tempo que havia, nos propomos a trabalhar o lúdico, a fantasia, a contação de histórias, na certeza de que obteríamos resultados positivos para que elas se apropriassem do conhecimento interativamente.

Muitos teóricos trouxeram relevantes pesquisas sobre a utilização da ludicidade no processo de ensino e aprendizagem, concluindo que os alunos desenvolvem a responsabilidade, a autoexpressão e a cognição. A criança sente-se estimulada e, sem perceber, vai se desenvolvendo e construindo seu conhecimento. Segundo Oliveira (2002),

A brincadeira infantil beneficia-se de suportes externos para sua realização: rituais interativos, objetos e brinquedos, organizados ou não em cenários (casa de bonecas, hospital, etc.), que contém não só temas, mas também regras. Em virtude disso, o professor pode organizar áreas para desenvolvimento de atividades diversificadas que possibilitem às crianças estruturar certos jogos de papéis em atividades específicas. (OLIVEIRA, 2002, p.231).

O planejamento foi elaborado para uma semana de atividades, tendo como tema o conhecimento do corpo humano, trabalhado de forma transdisciplinar com os eixos *matemática, linguagem oral e escrita, movimento, artes, música, identidade e autonomia*, contidos nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. (BRASIL, 1998).

3. A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A rotina matutina daquele grupo do Jardim II era sempre a mesma. As crianças chegavam e sentavam-se nas carteiras, aguardando até o horário do café da manhã. Voltavam, recebiam da professora as instruções sobre cada uma das dez regras disciplinares comportamentais. As atividades feitas após as instruções apenas faziam o tempo passar, ou seja, pintar um desenho, ver um filme em DVD, etc. Almoçavam e, em seguida, deitavam para dormir.

Segundo Craidy e Kaercher (2001, p.30), quando se trata da organização das atividades no tempo, “Todos os momentos, sejam eles desenvolvidos em espaços abertos ou fechados, deverão permitir experiências múltiplas, que estimulem a criatividade, a experimentação, a imaginação”. Quando temos a intenção de mudar a rotina, podemos, por exemplo, fazer o que foi desenvolvido ao longo do estágio supervisionado: começar dispendo as cadeiras em meio círculo e decorar a sala com a imagem de um castelo feito de papel pardo e papel laminado, prendendo-o em uma das paredes, de modo a surpreender as crianças, durante sua recepção. Na experiência vivenciada, a atitude promoveu alegria na chegada ao ambiente escolar. A música também é um bom veículo de comunicação, pois tem o poder de alterar o comportamento e incentivar a realização das atividades com prazer. Muitas são as músicas infantis que podem ser adotadas nas diferentes modalidades e estratégias de ensino e aprendizagem. No estágio supervisionado, foi selecionado o tema “corpo humano”, para o qual há uma infinidade de opções musicais a serem exploradas pelo professor. Dentre elas, optou-se por uma canção que tem a seguinte frase padrão, a qual se repete com a alteração das partes do corpo envolvidas: “*Pra entrar na casa do Zé, tem que bater o pé... pra entrar na casa do Zé, tem de bater as mãos... pra entrar na casa do Zé [...]*”. A canção permite que as

crianças cantem com o professor, batam os pés, as mãos e rodem, acompanhando o ritmo da música no espaço da sala. E todos podem, à medida que vão chegando, participar da brincadeira. Existe outra cantiga que também estimula e exercita bem o corpo, selecionada, cuja estrofe diz: “*Eu agora vou passear. Quem quiser pode acompanhar*”. Ela conduz a diversos lugares imaginários, permitindo que a criança fantasie atravessar um rio, subir uma montanha, passar dentro de uma caverna, etc. Para Craidy e Kaercher (2001, p.123), “[...] com a música podemos trabalhar o esquema corporal, a coordenação motora, a lateralidade, a expressividade. Além da possibilidade de conhecer os animais, as cores, a noção de número, a alimentação [...]”.

Os jogos e brincadeiras podem ser desenvolvidos no aprendizado das crianças de várias maneiras. Para a pesquisa-ação ora descrita, foram confeccionados antes da aula três bonecos de E.V.A., Zé (de cor ocre), *Chiquinho* (de cor marrom) e *Chiquinha* (de cor amarela), com a intenção de também explorar a questão étnica, evidenciando que todas as cores de pele são importantes. Os bonecos podiam ser desmontados, pois as pernas, os braços, a cabeça, os pés, mãos, boca, ouvidos, olhos e nariz, eram presos por velcro. Antes de iniciar a montagem, que seria feita em grupos, foi promovida uma conversa com as crianças sobre a composição do corpo humano e cada um tocou seu próprio corpo ou identificou no coleguinha as partes indicadas. Foi feita, então, a explicação de como seria a montagem e, em seguida, os grupos foram organizados. Foi estabelecido um tempo de cinco minutos para a montagem, e o grupo que terminasse primeiro ganhava um ponto. Antes de iniciar, todos cantavam a música “*Pra entrar na casa do Zé...*”. Em um dado momento marcado no relógio, eles ouviam: “Já!”. Assim, jogando e brincando, as crianças aprenderam as partes do corpo e não tiveram dificuldade para realizar a tarefa com precisão, revezando-se ora com um boneco, ora com outro, e não queriam encerrar a atividade. Assim, evidenciou-se que ensinar com ludicidade traz benefícios ao processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Piaget (1996), quando a criança entra em contato com novas experiências ao ver ou ouvir coisas que são novidade para ela, acaba adaptando esses novos estímulos às estruturas cognitivas que já possuía anteriormente. Com base nesse conhecimento, podemos utilizar inúmeras formas de jogos disponíveis

para aplicar nas atividades educativas do cotidiano da Educação Infantil. O jogo simbólico é uma forma de representação muito utilizada pelas crianças quando estão interagindo com as outras nos momentos de atividades livres, principalmente com brinquedos. Imitando seus pais, avós, professores, irmãos e aqueles que fazem parte de seu convívio diário, elas fazem de conta que estão cozinhando, dando de comer, vestindo roupas, limpando a casa, dando aulas. São capazes de recordar cada etapa que deve ser realizada, desde o momento de pegar a comida no prato até levar a colher à boca da coleguinha, dizendo: “*Tem que comer tudo, não quero ver sobrar nadinha! Tem que ir pra escola bem limpinha e arrumadinha!*”. Wadsworth (1997), referindo-se a Piaget, afirma que

A segunda forma de representação na qual as crianças deste período se engajam é o jogo simbólico. É possível observar uma criança com um bloco de madeira, brincando como se ele fosse um carro e dando-lhe todos os atributos de um carro. Isto é um jogo simbólico, um jogo de faz-de-conta, uma espécie de atividade não encontrada no nível sensório-motor. (WADSWORTH, 1997, p.66).

A cada fase de sua vida, a criança vai construindo significados e aumentando o seu conhecimento, somando o novo aos que já vivenciou. De acordo com Vygotski (2000), é justamente interagindo com os outros que isso acontece. Os jogos e brincadeiras nos quais se percebe a socialização e a vivência lúdica, além de favorecer o aprendizado de regras, o movimento e a expressão corporal, devem fazer parte do cotidiano na educação infantil. Como exemplo, podemos citar a *Amarelinha*, em que a criança desenvolve a consciência corporal, a capacidade de andar num pé só, girar e equilibrar-se; o *Caracol*, em que são proporcionados momentos de vivência lúdica e social, além do aprendizado de regras e o movimento; e o *Labirinto*, num “pega-pega” no qual o equilíbrio, a corrida e os giros são marcantes nessas novas descobertas. Nesse sentido, Vygotsky (2000) afirma que a aprendizagem antecede o desenvolvimento, e tais brincadeiras são uma forma de constataremos essa veracidade.

Outro modo de interação, socialização e aprendizado são as danças de roda, nas quais as crianças declamam versos, experimentando a oralidade e a expressão; aprendem e criam parlendas, cantam as músicas e dançam, vivenciando papéis e tornando-se atores de seu próprio desenvolvimento. Os versos da cantiga “*Como*

pode um peixe vivo viver fora da água fria? Como poderei viver sem a tua companhia?" cria um sentimento de amizade e atitude de grupo ao ser cantado por todas as crianças de mãos dadas.

Para Oliveira (2002, p.232), "Esse jogo de papéis que as crianças estabelecem com os companheiros de idade permitem o desenvolvimento de certas habilidades e conhecimentos, já que o apoio do professor as auxilia a entrar nos personagens e a agir segundo suas características".

Da mesma forma a cantiga "*A Canoa Virou*", em que o verso fala que "*Se eu fosse um peixinho e soubesse nadar, eu buscava o Pedrinho no fundo mar*" leva a criança a ser solidária com os colegas, instigando o amor e a harmonia entre todos.

4. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS TEM SUA VEZ

A contação de histórias também pode ser aplicada como estratégia de ensino para estimular nos alunos o prazer pela leitura.

Como a literatura infantil prescinde do imaginário das crianças, sua importância se dá a partir do momento em que elas tomam contato oralmente com as histórias, e não somente quando se tornam leitores. Desde muito cedo, então, a literatura torna-se uma ponte entre histórias e imaginação, já que "é ouvindo histórias que se pode sentir... e enxergar com os olhos do imaginário... abrir as portas à compreensão do mundo". (ABRAMOVICH, 1995, p.17).

No estágio supervisionado, depois do almoço, quando as crianças voltaram para dormir, conversamos sobre a imagem do castelo preso à parede e todos dormiram levados a olhar para o castelo, imaginando quem moraria nele. "*Será que tem príncipes e princesas? Rei e Rainha? Será que tem lago, sapinhos, jardim floridos? Árvores... durmam, crianças e sonhem*" foi a fala que antecedeu o "momento do soninho".

O sucesso de uma contação de histórias depende muito das pessoas envolvidas, bem como de um espaço físico adequado. Quando o professor conta uma história, expressando-se com uso de voz e gestos, de forma a imitar o personagem, ora sorrindo, ora chorando, faz com que os alunos viajem nas asas da imaginação de um mundo mágico e inesquecível. Esse recurso pedagógico leva a

criança a conviver com os livros, divulga a literatura e cria interação com os colegas de aula.

O espaço literário, que normalmente é construído dentro da biblioteca, deve conter um acervo diversificado, que atenda a todas as idades e que seja atraente para enriquecer seus momentos de lazer sem a preocupação do estudo didático, e, ao mesmo tempo, criar um clima propício para incentivá-los a fazer uso deles sempre que desejarem. A ludicidade também está presente na contação de história. Assim, é de suma importância conscientizar os alunos de que a leitura pode ser prazerosa se for realizada desde cedo como algo benéfico, estimulando a fruição e o imaginário.

A cada dia da regência em sala de aula, era contada uma historinha, às vezes, escolhida pelas crianças, outras vezes, pelo professor. Com o objetivo de continuar o trabalho do conhecimento corporal, foi lida para as crianças a história “*Da cabeça aos pés*”, de Ziraldo, a qual trata sobre os órgãos dos sentidos e de outras funções biológicas. Nem mesmo o horário do almoço desmotivou o grupo durante a leitura. As crianças deram “asas à imaginação”, “viajaram” e se viam na história contada. E, não satisfeitas, queriam tocar o livro. Lembramos Craidy e Kaercher (2001), quando afirmam que, se no dia a dia dedicarmos tempo a esses momentos, contribuiremos para formar crianças que gostem de ler e vejam no livro, na leitura e na literatura um meio de interação e diversão. Cabe ao docente incluir, em seu planejamento, períodos dedicados à leitura, que, ao serem aplicados, poderão formar uma nova geração de leitores.

5. COMO CONTAR UMA HISTÓRIA

Para a leitura de livros ou exibição de vídeos é aconselhável criar um ambiente harmonioso. Se existem distrações lá fora, precisam ser minimizadas. Dentro da sala de aula, cabe permitir que as crianças se sintam aconchegadas, agrupando-as. A escolha de um horário propício para essas atividades, a preparação de um baú ou uma prateleira com livros infantis, um tapete de feltro colorido com recortes dos personagens das histórias e almofadas, um avental com velcro onde os personagens da história possam ser fixados são recursos propícios à criação de um

ambiente para a contação de histórias. Caixas com os personagens da história contada em forma de fantoches ou dedoches podem ser exploradas pelas crianças.

Um bom momento é aquele em que as crianças estão em paz para pensar sobre a história que viram ou escutaram. Os momentos anteriores ao recreio, ao almoço ou ao fim do dia são melhores para a contação de histórias do que logo antes de uma partida decisiva do campeonato de futebol. A repetição da história contada é sempre positiva. Quanto mais é transmitida, mais nuances surgem entre palavras e imagens. Tomar contato com a história antes de apresentá-la às crianças é um cuidado que cabe ao contador, pois é preciso averiguar se ela é engraçada ou séria, alegre ou tristonha, a fim de preparar as crianças. Se for uma história de fantasmas, o uso de uma voz mais misteriosa contribuirá para a criação de um clima favorável ao envolvimento de todos. Se for engraçada, um tom mais leve é esperado. No caso de livros narrados em voz alta, talvez uma sala escurecida enriqueça a história. Apagar as luzes e acender uma vela ou usar uma lanterna coberta por um pedaço de pano para criar a impressão do calor de uma fogueira, por exemplo, ou da luz de um forno à lenha num casebre na floresta podem ser excelentes sugestões de ambientação.

É importante, também, que o contador/professor oportunize às crianças uma indicação do que devem esperar da história, introduzindo-a com uma versão sua. Nessa etapa, chamada de “pré-leitura”, pode-se sugerir que prestem atenção para um incidente em particular, ou que se preparem para falar sobre as pessoas, lugares e sentimentos que apareceram na história. Na etapa de “pós-leitura” (depois da contação da história), cabe perguntar, por exemplo, ao grupo o que acharam dos personagens, pedir que façam uma descrição de cada um e do lugar onde a história aconteceu, que falem sobre o que acharam do final da história, etc. Perguntas com respostas específicas podem ajudar as crianças a desenvolver atenção a detalhes importantes e sua capacidade de lembrá-los. Questões abertas sobre a história são bons estímulos à discussão e ajudam as crianças a aprender a relacionar suas próprias experiências às de outras pessoas.

A literatura infantil desenvolve não só a imaginação das crianças, como também permite que elas se coloquem como personagens das histórias, das fábulas e dos contos de fada, além de facilitar a expressão de idéias. Sendo assim, o objetivo da literatura infantil é o de formar leitores, pois por uma série de características e fatores ela desempenha esse papel melhor do que a literatura adulta, uma vez que é mais convidativa. O que se procura hoje é assegurar ao maior número de pessoas possíveis o direito de ler. (CAGNETI apud TASSI, 2002, p.2).

Em um dado momento de atividade com leituras, no estágio supervisionado, houve algo que merece registro: Antes do almoço, foi dada a oportunidade para que contassem uma história, e muitos levantaram a mão, sendo escolhida aleatoriamente uma menina. Ela foi no “cantinho da fantasia”, pegou um livrinho e, olhando as figuras, contou aos outros, mostrando cada página à medida que falava. Noutro encontro de contação, as crianças deveriam escolher um livrinho de histórias do baú, e havia nele um livro sobre a história dos três porquinhos, muito conhecida. O que chamou a atenção das crianças, porém, não era a história em si, mas a capa do livro, que era dura e muito bonita, assim como todas as páginas, em que havia recortes nas figuras e, por baixo delas, papel laminado, o que chamava a atenção de todos. Ao ouvirem a historinha, todos queriam tocar o livro, que, certamente, ficou positivamente registrado na memória de todos os presentes.

Considerando o condicionamento mental infantil, o ideal é que repitam a história que acabaram de ouvir. Provavelmente se lembrarão da trama, o que permitirá que percebam detalhes mais sutis. De forma grupal, utilizando-se dessa condição, o professor pode pedir às crianças que descrevam os personagens, os cenários, o enredo e o estilo da história. Se a história foi narrada, pode chamar a atenção para os efeitos sonoros ou para a interpretação do narrador. E, em caso de vídeo, que comentem a técnica do desenho ou da animação, por exemplo.

Muitas são as histórias para todos os gostos e objetivos educacionais. Durante o estágio com as crianças do Centro Infantil, fizeram muito sucesso entre elas os livrinhos: “*Bom dia todas as cores*” de Ruth Rocha, “*Menina bonita do laço de fita*” de Maria Machado, “*Na minha escola todo mundo é igual*” de Rossana Ramos, bem como os clássicos “*Chapeuzinho vermelho*”, “*Cachinhos de ouro*”, “*Os três porquinhos*”, “*A bela e a fera*” e muitas outras.

6. PERCURSO METODOLÓGICO

O trabalho foi desenvolvido tendo-se como base a metodologia da pesquisa-ação para a transformação da prática, em dois aspectos: de forma previamente planejada, ou seja, estratégica, e de forma colaborativa, buscando-se a interação dos sujeitos no processo de mudança. De acordo com Franco (2005),

A pesquisa-ação tem sido utilizada, nas últimas décadas, de diferentes maneiras, a partir de diversas intencionalidades, passando a compor um vasto mosaico de abordagens teórico-metodológicas, o que nos instiga a refletir sobre sua essencialidade epistemológica, bem como sobre suas possibilidades como práxis investigativa. (FRANCO, 2005, p.485-486).

A observação ocorreu no Centro Educacional Infantil Nossa Senhora das Graças, da rede municipal de ensino de Itajaí, estado de Santa Catarina. Esse procedimento compôs a carga horária de 12 horas divididas em três dias. Foi elaborado um protocolo de observação com o objetivo de compreender os espaços de saber e fazer, a postura do professor, a relação alunos-professor e o processo de ensino e aprendizagem.

Após as observações e registros no diário de campo, foi possível refletir sobre as dificuldades encontradas na sala de aula e definir o planejamento da intervenção, ou seja, conteúdos, objetivos e avaliação. A estratégia pedagógica utilizada foi o ensino dos eixos *música, movimento, artes, matemática, linguagem oral e autonomia*, com base no tema “corpo humano”, desenvolvendo os conteúdos por meio de músicas, brincadeiras e contação de histórias.

A partir das observações, da intervenção e das trocas de experiências, adquirimos o conhecimento para produzir novas práticas pedagógicas, bem como transformar e compreender a realidade.

7. REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO DOCENTE E RESULTADOS

É evidente que não poderemos fazer uma avaliação consistente em apenas cinco dias de regência em sala de aula na educação infantil. Não podemos, porém, desmerecer a capacidade que as crianças tiveram de realizar as atividades com

sucesso, apesar do pouco tempo de atuação docente durante o estágio que resultou neste relato. O que esperávamos delas nesse período era que conhecessem, principalmente, o corpo humano, e explorassem diversas maneiras de movimentá-lo, seja por meio da música, da dança, dos jogos ou das brincadeiras.

Em um determinado momento, uma criança confessou, tímida, ao pegar o livrinho para contar uma história a seus colegas, que a havia esquecido, sendo encorajada a abrir o livro. Naquele momento, sorriu e disse: “Ah, já sei!” e contou a história com desenvoltura, mostrando cada página em sua fala, o que evidenciou que “a sementinha do incentivo à leitura foi plantada com êxito”. O mesmo se constatou em relação às atividades sobre o corpo humano, nas quais as crianças montaram o corpo de um boneco articulado parte a parte sem esquecer nenhum componente em poucos minutos, mostrando a apreensão do tema explorado.

A avaliação do desenvolvimento infantil deve atuar como recurso para auxiliar o progresso das crianças. Graças às informações que o processo avaliatório lhe oferecer, o professor poderá sentir-se seguro a respeito da forma como as situações de aprendizagem foram organizadas ou perceber a necessidade de modificá-las. (OLIVEIRA, 2002, p.253).

A avaliação do trabalho foi positiva ao constatarmos que as crianças não deixaram de ir à instituição escolar durante o período do estágio. No primeiro dia, havia apenas onze crianças e, a partir do segundo dia, o número dobrou e se manteve até o final. As crianças sentiam prazer em realizar todos os trabalhos propostos.

Entendemos, assim, que esse é o caminho mais promissor para o desenvolvimento das crianças, com interações criadas com base em suas necessidades e respeitando seu universo cultural, para que possam ser incluídas no processo educacional com pleno êxito, por meio da ludicidade.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise da experiência vivenciada durante o decorrer do estágio supervisionado do curso de pedagogia, ficou evidenciada a importância da utilização do lúdico como estratégia de aprendizagem para as crianças da Educação Infantil,

em virtude de que, nessa fase, elas são suscetíveis às sugestões e condicionamentos que as levam ao desenvolvimento de sua identidade, da cognição, de habilidades, da oralidade e da expressão.

Acreditamos que cada educador deve investigar e instigar seus alunos utilizando-se do maior número possível de recursos pedagógicos com o intuito de estimular a aprendizagem. Fizemos o melhor possível para que os objetivos específicos contidos no planejamento voltado ao tema “corpo humano”, com os eixos dos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil como transversalidade, fossem aplicados de maneira que as crianças pudessem construir o conhecimento jogando, brincando e se divertindo. Interagimos de forma a promover a participação, criando possibilidades de retorno imediato dos alunos por meio da contação de histórias infantis, de músicas, de danças de roda, da arte e da pintura.

O estágio na Educação Infantil trouxe uma grande importância para o processo de formação acadêmica, o qual se constitui em caminhos para a interpretação dos fenômenos que ocorrem na instituição de ensino.

O presente trabalho leva a muitas possibilidades investigativas a partir do tema. A atividade lúdica com traços de uma metodologia interdisciplinar vem ao encontro de estudos que nos legaram grandes conhecimentos para aplicação de uma estratégia sociointeracionista, a fim de melhorar a prática diária dos professores em sala de aula, bem como o aprendizado das crianças.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fani. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1995.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação infantil. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da Pesquisa-Ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, set./dez., 2005.
- OLIVEIRA, Glória Aparecida Pereira. **A concepção de egressos de um curso de Pedagogia acerca da contribuição do trabalho de conclusão de curso**. 2003. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2003.
- OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação).
- PIAGET, Jean. **Biologia e Conhecimento**. 2ª Ed. Vozes: Petrópolis, 1996.
- TASSI, Adelaide da Rosa. **A importância da literatura infantil para o desenvolvimento e aprendizagem da criança**. Porto Alegre: [s.n.], 2002. Disponível em: <<http://br.geocities.com/ciberliteratura/literinfantil/adelaide.htm>>. Acesso em: 5 jul. 2008.
- VYGOSTKY, Lev S. **Obras Escogidas III: problemas del desarrollo de la psique**. 2ª ed. Madrid: Visor Dis, 2000.
- WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. Tradução Esméria Rovai. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

Artigo:

Recebido em: 11/08/2009

Aceito em: 04/11/2009